

A RETÓRICA DA CITAÇÃO NA *IMAGEM DA VIDA CRISTÃ*, DE FREI HEITOR PINTO

LUÍS FARDILHA

CITCEM – FACULDADE DE LETRAS DA UNIVERSIDADE DO PORTO

lfardilha@iol.pt

RESUMO: Frei Heitor Pinto elaborou e fez publicar a sua *Imagem da vida cristã* quando o controlo da leitura e a censura sobre as obras impressas se acentuavam, na sequência das decisões tomadas pelo Concílio de Trento. Em 1559, quatro anos antes da edição *princeps* da Primeira Parte, o bispo de Coimbra D. João Soares fizera imprimir o *Index auctorum et librorum* do Papa Paulo IV, um claro sinal de endurecimento contra leituras e autores considerados susceptíveis de corromper a sã ortodoxia católica. Neste contexto, as palavras em que o autor renuncia a qualquer originalidade no seu texto poderão facilmente ser entendidas tanto como uma afirmação de fidelidade à doutrina “aprovada” da Sagrada Escritura e dos “excelentes autores” que cita, quanto como uma prevenção contra eventuais acusações de desvios forçosamente condenáveis. No entanto, se enquadrarmos o uso recorrente à citação – praticada nas suas mais diversas formas – nas raízes mais profundas da espiritualidade que a obra reflecte, torna-se possível defender que a opção pelo discurso de outros feita pelo frade jerónimo não é mais do que uma representação retórica do rebaixamento individual imposto pelo ideal de humildade radical que persegue. Esta será, assim, a função retórica que a citação quase obsessiva desempenha numa obra em que o *contemptus mundi* constitui um elemento nuclear do ideal de vida cristã que o autor propõe.

PALAVRAS-CHAVE: Frei Heitor Pinto; Retórica; *Contemptus mundi*.

ABSTRACT: Friar Heitor Pinto elaborated and had published his *Imagem da vida cristã* when the control of the reading and the censorship on the printed works were accentuated, following the decisions taken by the Council of Trent. In 1559, four years before the first edition of the First Part, the Bishop of Coimbra D. João Soares ordered the printing of the *Index auctorum et librorum* by Pope Paul IV, a clear sign of hardening against readings and authors considered appealing to corrupt the sound Catholic orthodoxy. In this context, the words in which the author renounces any originality in his text can easily be understood as both an affirmation of fidelity to the “approved” doctrine of Sacred Scripture and the “excellent authors” he quotes, as well as a prevention against possible charges of forcible recklessness. However, if we frame the recurrent use of the quotation -

practiced in its most diverse forms - in the deeper roots of the spirituality that the work reflects, it becomes possible to argue that the option for the discourse of others by the Jerome friar is no more than a rhetorical representation of the individual demotion imposed by the ideal of radical humility that persecutes. This will be the rhetorical function that the almost obsessive quotation plays in a work in which the *contemptus mundi* is a core element of the ideal of Christian life that the author proposes.

KEYWORDS: Friar Heitor Pinto; Rhetoric; *Contemptus mundi*.

No prólogo dirigido ao senhor Dom Teodósio, então duque de Bragança, no qual lhe dedica a edição dos seis primeiros diálogos da sua *Imagem da vida cristã*, Frei Heitor Pinto justifica este acto nos termos seguintes:

A quem devo logo de oferecer minhas obras, que são trabalhos de estudos, e fruto da doce paz, senão a V. S. que é o favorecedor deles, e conservador dela? Tudo o que digo nesta obra vai corroborado com autoridades das divinas letras, e de mui aprovados e excelentes autores. Porque assim como quem quere plantar um novo jardim, busca garfos e enxertos de boas árvores, assim eu busquei autoridades de grandes e famosos autores, para plantar neste livro, diviso em diálogos à maneira de Platão¹.

A edição desta que haveria de se tornar, em 1572, apenas a primeira parte do célebre livro do frade jerónimo, o qual viria a beneficiar duma notável e hoje bem documentada fortuna editorial², saiu dos prelos coimbrões de João Barreira em 1563. A metáfora agrícola do jardim serve aqui ao autor, em primeiro lugar, para pôr em evidência a estrita ortodoxia da doutrina expendida na sua obra, visando afirmar uma fidelidade absoluta aos princípios e fundamentos do catolicismo. Esta declaração era particularmente importante em tempos que iam vendo apertar-se, de ano para ano, o controlo ideológico sobre os livros. Desde 1547, pelo menos, que o Cardeal D. Henrique, no exercício das suas funções de Inquisidor Geral português se esforçava por estabelecer limites sistemáticos à leitura dos livros considerados perigosos para a fé nomeadamente através da elaboração de róis cada vez mais extensos e minuciosos, nos quais eram incluídos

¹ *Imagem da vida cristã*, com prefácio e notas de CORREIA, M. Alves. Vol. I. Livraria Sá da Costa, 1940, p. 6.

² Veja-se FÁRIA, Francisco Leite de – *O maior êxito editorial no século XVI em Portugal: a Imagem da vida cristã, por Frei Heitor Pinto*. Separata da «Revista da Biblioteca Nacional», vol. 2, nº 2 (1987), pp. 83-110. Apesar de não ser exaustiva, esta investigação bibliográfica é suficientemente esclarecedora quanto à excepcional fortuna editorial obtida por esta obra.

os nomes dos autores proscritos e os títulos das obras proibidas³. Este esforço de controlo tinha-se acentuado de modo particular na década de cinquenta de Quinhentos, podendo assinalar-se, pelo que representa de rigorismo proibicionista, a publicação, em 1559, do *Index auctorum et librorum* do Papa Paulo IV, por iniciativa do bispo de Coimbra, D. João Soares⁴. Sendo embora certo que a sua aplicação ficou restrita à diocese coimbrã, a tentativa de aplicação do catálogo romano de Paulo IV na mesma diocese em que seria publicada a primeira edição da obra de Frei Heitor Pinto pode ser tomada como um sinal do clima que então se vivia, pelo menos em certos ambientes eclesiásticos. Pouco depois, agora já com o patrocínio do Inquisidor Geral, o cardeal Infante D. Henrique, saíria em Lisboa, precisamente no ano de 1561, o *Rol dos livros defesos nestes Reinos e Senhorios de Portugal*⁵. Este índice de iniciativa nacional viria a ser substituído pelo *Index librorum prohibitorum* organizado a partir das directivas emanadas do Concílio de Trento, o qual foi rapidamente publicado em Lisboa, logo em Outubro de 1564, tanto na versão latina como em tradução portuguesa⁶. Neste quadro especialmente melindroso, mesmo um exegeta bíblico já reconhecido como era Frei Heitor Pinto⁷, teria, certamente, algum pudor em assumir uma absoluta originalidade de pensamento. Evitando que a censura inquisitorial interviesse *a posteriori*, o autor renuncia declaradamente ao pensamento pessoal, remetendo-se por inteiro à «autoridade» incontestável das «divinas letras» e dos autores «aprovados e excelentes», isto é, que seriam tanto mais «excelentes», quanto mais tivessem sido «aprovados» superiormente.

Como o agricultor da sua metáfora não cria árvores novas para com elas fazer o novo pomar, também o autor da *Imagem da vida cristã*, identificando-se com ele, na elaboração desse «novo jardim» que são os seus diálogos, não faz mais do que «enxertar» os «garfos» de «boas árvores»: assim, a sua responsabilidade não vai além duma selecção rigorosa das espécies que, depois, adequadamente «planta» no seu texto. A imagem remete-nos, inevitavelmente, para o recurso à citação no texto de Heitor Pinto, um facto que tem sido recorrentemente

³ A documentação essencial sobre este tema poderá consultar-se no volume *Índices dos livros proibidos em Portugal no século XVI*, com apresentação, estudo introdutório e reprodução fac-similada dos Índices, por SÁ, Artur Moreira de. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1983.

⁴ O texto deste *Índice* encontra-se reproduzido no volume citado na nota anterior, a páginas 179-255.

⁵ Igualmente reproduzido no volume preparado pelo professor A. Moreira de Sá, nas páginas 259-351.

⁶ Estas edições poderão ser facilmente consultadas nas páginas 355-468 do volume referido nas notas precedentes.

⁷ Como é geralmente sabido, Frei Heitor Pinto tinha concorrido, em 1568, à cadeira de Sagrada Escritura na Universidade de Salamanca, tendo-se visto preterido devido à oposição de Gaspar Torres e Fr. Luís de León. Trazia, então, em mãos a obra que haveria de publicar nesse ano na mesma cidade espanhola com os comentários exegeticos *In Ezechielem Prophetam* e, antes deste episódio, já tinha publicado em Lyon os seus *In Isaiam Prophetam Commentaria*. A competência do frade jerónimo haveria de ser reconhecida em 1576, ano em que foi criada uma cadeira de Escritura em Coimbra, especificamente para ele.

notado, ainda que por vezes esteja diluído no espanto que sempre provoca a sua erudição “apavorante”⁸.

Como salientam os teóricos que se debruçaram sobre os processos de citação⁹, esta pressupõe sempre a transposição dum discurso noutro, ou, em termos mais precisos, o enunciado produzido por um primeiro acto de enunciação é retomado e renunciado¹⁰. A citação constituirá, assim, um enunciado com dupla enunciação, mas também com um duplo sujeito de enunciação: o sujeito que no texto se assume como o enunciator remete para uma enunciação passada, contida no texto agora citado, e que, por este acto, é reassumida e reenunciada. A citação é, assim, a actualização, por um acto narrativo, duma acção verbal realizada no passado, o que pressupõe, necessariamente, o acesso prévio a um texto primitivo, que se assume como a fonte onde se toma o discurso agora retomado.

A problemática da citação envolve, deste modo, todo o universo de questões relacionadas com os livros e as leituras¹¹, temas que mereceram, naturalmente, a atenção de Frei Heitor Pinto. De facto, só um grande e esforçado leitor, mesmo que recorrendo a antologias e “cornucópias” disponíveis, como as colecções de lugares selectos organizadas por Ravisius Textor¹², poderia dispor dum tão numeroso e variado manancial de fontes para citação. De resto, ainda no excerto do «prólogo» que temos estado a explorar podemos encontrar um eco desta entrega ao esforço da leitura, nomeadamente na referência que se faz aos

⁸ Vejam-se os comentários de RAMOS, Feliciano – *As tendências mentais de Fr. Heitor Pinto*. In *Meditações Históricas*. Porto: Machado & Ribeiro, 1940, pp. 27-28 – e DIAS, J. S. da Silva – *A política cultural na época de D. João III*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1969, p. 879.

⁹ Entre outros, vejamos os estudos de TODOROV, Tzvetan (*Problèmes de l'énonciation*) e BENVENISTE, Émile (*L'appareil formel de l'énonciation*), incluídos no nº 17 da revista «Langages». Paris: Didier/Larousse, Março de 1970, pp. 3-18.

¹⁰ A complexidade do acto citativo, enquanto fenómeno de linguagem, é justamente posto em evidência por Antoine Compagnon, no momento de ensaiar uma definição: «Une «bonne» définition de la citation, c'est-à-dire une base acceptable, provisoire de travail, sera: *un énoncé répété et une énonciation répétante; il ne faut jamais cesser de l'envisager dans cette ambivalence, la confusion, la confusion en elle del'actif etdu passif*» (*La seconde main ou le travail de la citation*. Paris: Éditions du Seuil, 1979, p. 56).

¹¹ Antoine COMPAGNON põe em evidência esta relação intrínseca que, no processo da citação, une e confunde os actos de escrita e de leitura, quando escreveu: «Écrire, car c'est toujours récrire, ne diffère pas de citer. La citation, grâce à la confusion métonymique à laquelle elle préside, est lecture et écriture; elle conjoint l'acte de lecture et celui d'écriture. Lire ou écrire, c'est faire acte de citation» (Ob. cit., p. 34).

¹² Jean Tixier de RAVISI (c. 1480-1524). Refiram-se, por exemplo, as seguintes obras: *Cornucopiae Ioannis Rauisii Textoris epitome quae res quibus orbis locis abunde proueniant alphabetico ordine complectens*, – com múltiplas edições quinhentistas, entre as quais podemos apontar a de Lyon de 1541 (por Sébastien Gryphius) ou a de Veneza de 1567 (por Ioannes Gryphius); *De memorabilibus et claris mulieribus: aliquot diversorum scriptorum opera* – editado em Paris em 1521 (por Simon de Colines); ou, ainda, a *Officina vel Naturae historia per locos*, que terá sido editada pela primeira vez em Basileia, em 1503, mas de que podemos apontar a edição de Paris de 1532 (por Petrus Vidoveus) ou a de Veneza de 1541 (pelos herdeiros de Lucantonio Giunta), mais próximas do momento em que Frei Heitor Pinto redigia a *Imagem*.

diálogos da *Imagem da vida cristã* como o resultado dos «trabalhos de estudos e fruto da doce paz». Os livros e as leituras faziam parte da vida monástica a que se entregara desde a juventude¹³, levando-o a suspirar pela sua companhia quando obrigações impostas pela Ordem a que pertencia o obrigavam a separar-se deles. Pela voz duma das personagens do seu *Diálogo da Religião*, identificada simplesmente como «Um religioso», confessa o desgosto que lhe causa o afastamento da sua cela e do convívio com aqueles que considerava os seus amigos, os livros:

Foi tempo, em que vivi muito contente num repouso solitário, dado ao estudo das divinas letras, estando em Portugal, metido o mais do tempo na cela: mas, por meus pecados, vim a tantos trabalhos, que parece que desferiram sobre mim todas as velas: em tanto que mais descontente me faz a lembrança do contentamento que tive, que o descontentamento que tenho. [...]

Mas prazera a Deus que cedo estes meus trabalhos terão fim, e irei gozar da suavidade do mosteiro e da doce quietação da cela, tornando em amizade com meus amigos antigos, quero dizer com os livros, que não sei como sou vivo sem eles¹⁴.

Percebe-se, nestas palavras, que os estudos e os textos, os estudos e os trabalhos que implicam, ocupam um lugar especialmente relevante no *otium claustrii*, tal como o concebe Frei Heitor Pinto, herdeiro tanto da tradição da cultura monástica de S. Bernardo e da *Devotio moderna*, quanto do ideal petrarquista de fecundo isolamento intelectual. Quase poderia dizer-se que o monge deseja regressar ao mosteiro por causa dos livros. Há, contudo, que evitar fazê-lo, uma vez que, para o monge português, os livros e as leituras não são a causa da tranquilidade de espírito que experimenta na cela, mas são, antes, um elemento dela, uma consequência dessa doce quietação que a vida monacal lhe proporciona. Por mais reconfortantes e necessárias que sejam, as letras só são verdadeiramente importantes se estiverem ordenadas para a aquisição da «verdadeira sabedoria», a qual se resume, para Heitor Pinto, no amor a Deus. Neste sentido escreve que, se devemos «estimar o saber», é apenas na exacta medida em que ele nos permita «saber amar». Esta ideia central do pensamento do Jerónimo, encontramos-la desenvolvida no *Diálogo dos Verdadeiros e Falsos*

¹³ Segundo Barbosa Machado, «professou no Real Convento de Santa Maria de Belém [...] a 8 de Abril de 1543, em as mãos do Provincial Fr. António do Trocifal», quando tinha 15 anos, se aceitarmos que nasceu em 1528, como avançam Joaquim de Carvalho ou Aubrey Bell.

¹⁴ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed.cit., I, pp. 84-86.

Bens, onde se afirma que «importa mais ter a vontade inflamada por divino amor, que o entendimento claro por ciência, porque a nossa perfeição não está tanto em saber, como em amar, não tanto no conhecimento, como na caridade»¹⁵. Assim, as letras devem ser orientadas para a contemplação, que é, evidentemente, a vocação própria do monge, mesmo que este pretenda ser também um humanista. Como todos os que se consagram à vida contemplativa, também o monge humanista não pode esquecer que a sua vocação específica é, antes de tudo o mais, viver «abrazado nas gloriosas chamas do alto amor de Deus»¹⁶.

É por este motivo que Frei Heitor Pinto dedica grande atenção a examinar, especialmente no *Diálogo da discreta ignorância*, a importância dos livros, das bibliotecas, das leituras, assinalando, em coerência com o que acabámos de dizer, que nem sempre a posse duma grande livraria é sinal dum grande letrado:

*Não vos enganeis com isso, disse o lionês, porque eu conheço muitos homens, que se honram de ter grandes estantes cheias de livros, a que não sabem os nomes, nem os leram nunca, nem sabem de que tratam: prezam-se muito de os possuir, e pouco de os entender. São como Tântalo, que dizem os poetas que, estando rodeado de água a não bebia e, metido dentro nela, morria de sede. Os livros são pasto dos olhos, as virtudes mantimento do espírito: eles armam as paredes, elas as almas. Queria antes virtudes que livros*¹⁷.

Apesar dum certo anti-intelectualismo que estas suas palavras reflectem, Frei Heitor Pinto não deixa de reconhecer o papel insubstituível dos livros e dos estudos na formação e aperfeiçoamento do Homem, porque, como escreve noutro lugar da *Imagem*, «vida sem ciências é tanque sem água», reiterando:

*A ciência é água, e não qualquer, mas medicinal. E assim lhe chama o Eclesiástico, quando diz, falando do justo: Dar-lhe-á Deus a beber a água da ciência saudável. Esta é a água, de que diz Isaías: Apodrecerão os peixes sem água, e morrerão de sede. Assim como a fortaleza que está cercada de funda cava, cheia de água corrente, é defensável: assim alma que está cercada de água da boa doutrina tem grande defesa. Mas, carecendo os homens desta água, facilmente se deixam vencer de qualquer erro*¹⁸.

¹⁵ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., IV, p. 225.

¹⁶ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., I, p. 120.

¹⁷ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., III, p. 14-15.

¹⁸ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., IV, p. 169.

Reparemos aqui na importância concedida à ciência para combater os erros e, sobretudo, para evitar que, por ignorância, os homens se deixem conduzir ao erro. Herdeiro, aqui, de todos os humanistas, Heitor Pinto proclama, coerentemente, que a ciência é a condição essencial da liberdade humana: «Além disto os ignorantes são cativos e os sábios livres. Por isso diz Deus por Isaías: Cativo foi levado o meu povo, porque não teve ciência. Vai muito em ser um homem sábio, para ser livre, e ter claro o entendimento»¹⁹. É fundamental, portanto, adquirir a ciência que liberta o Homem e o eleva à suprema dignidade. Há que recordar, no entanto, que para Frei Heitor Pinto a verdadeira ciência não é a de Platão ou de Aristóteles. Esta ensina curiosidades, e não sabedoria. A ciência que vem de Deus e que se orienta para Deus é, antes de mais, uma arte que ensina a viver:

*Esta ciência [...] aquire-se com piedade humilde, e não com curiosidade soberba. Bom é ler bons livros, e ter nisso curiosidade: mas há tudo de ser dirigido ao serviço de Deus, e proveito das almas. A ciência há-de ser com caridade, para aproveitar, porque sem ela é instrumento para destruir*²⁰.

Heitor Pinto, preocupado com este problema, chega ao ponto de estabelecer e propor, no *Diálogo da discreta ignorância*²¹, uma espécie de hierarquia de leituras destinada aos homens estudiosos e desejosos da “verdadeira sabedoria”. Em primeiro lugar, aponta as Sagradas Escrituras, as quais, como ensinava Santo Agostinho, são a base e todos estudos, e constituíam, também, o essencial da lectio monástica. Em segundo lugar vêm os livros que, de algum modo, são comentários da Bíblia: as decisões dos Concílios, os Santos Cânones, os livros dos Santos Doutores e, por fim, os dos «autores católicos». Depois destes, vêm os livros dos gentios – «no que bem disseram» – e, a fechar a escala, «os livros proveitosos, discretos, eruditos, de boa e sã doutrina», uma caracterização muito aberta, apenas limitada de alguma maneira pelas duas últimas referências, de ordem moral.

Insistindo na metáfora do agricultor, o monge jerónimo conclui que estes livros são «uns verdes e frescos prados, donde o prudente e cândido leitor colhe suaves e odoríferas flores, das quais, à imitação da industriosa abelha, faz na colmeia de sua alma favos de doce e saboroso mel. São uns amenos e deleitosos

¹⁹ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., IV, p. 224-225.

²⁰ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., III, p. 11.

²¹ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., III, p. 22.

pomares carregados de formosas e saudáveis frutas para mantimento do espírito. São umas graciosas e ricas praias do Oriente, onde se criam e coalham as preciosas pérolas das sentenças, e exemplos, e avisos, e documentos, com que a devota alma se orna e arreia»²².

É nestas leituras – nestes prados – que o autor encontra os materiais – os «garfos» disponíveis para enxerto – a partir dos quais pode elaborar a sua própria obra – um novo «jardim»... Frei Heitor Pinto descreve, nas páginas deste Diálogo da discreta ignorância, o seu próprio trabalho de escrita, em termos que parecem reconduzir-nos ao prólogo oferecido ao duque D. Teodósio:

*Assim como a raiz chupa o humor da terra, atraindo-o a si para sua sustentação, e repartindo-o pelos ramos para nutrimento deles: assim o bom escritor há-de chupar a excelente doutrina dos bons autores, e recolhê-la em si para proveito de sua alma, e reparti-la pelos livros, para que os leitores e ouvintes se possam com ela nutrir e consolar*²³.

A leitura é, portanto, uma condição necessária da escrita e a primeira das etapas que conduzem à elaboração do texto. Olhada por esta perspectiva, poderíamos dizer que todos os onze diálogos que, desde 1572, integram a Imagem da vida cristã não desejam ser mais do que uma enorme citação, onde convergem todas as experiências de leitura, directas ou indirectas, protagonizadas pelo seu autor. E, de facto, qualquer leitor da obra, mesmo o mais distraído, não pode deixar de dar conta da omnipresença de discursos alheios, «enxertados» no próprio discurso de Heitor Pinto. Este recurso à citação, que chega a parecer obsessivo, reflecte, compreensivelmente, a hierarquia de leituras que foi apontada e reveste formas diversas. Numa mesma página dum qualquer diálogo da obra, tanto podemos encontrar a transcrição simples, em discurso directo, de excertos tomados no texto primitivo, ao lado de formas mais complexas de inserção no novo enunciado, que vão desde a tradução e a passagem para o discurso indirecto ou “reportado”, até processos mais interventivos, como a paráfrase, o comentário ou o resumo.

Seja qual for a modalidade que revista, o texto citado tem como função retórica essencial a persuasão. O autor da Imagem utiliza sistematicamente este recurso para reforçar o poder de convicção da doutrina que pretende expender com as «autoridades» cujos textos cita. É um procedimento retórico característico do discurso teológico da Idade Média que encontra um novo

²² PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., III, p. 22.

²³ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., III, p. 20.

fôlego na sequência das decisões conciliares tomadas em Trento. Para além do poder de convicção que a qualidade do autor citado confere ao discurso que o cita, garante, também, que o pensamento exposto no novo texto se mantém nos limites estreitos da ortodoxia doutrinária. Esta última dimensão é sobretudo manifesta quando o discurso citado é o das Sagradas Escrituras ou o dos Doutores da Igreja, uma situação que é largamente predominante nos diálogos da Imagem da vida cristã, o que, além do mais, não será de surpreender em alguém que foi professor de Escritura e publicou eruditos comentários de textos bíblicos. Com a força da palavra de Deus ou dos seus comentadores «aprovados», com o poder da sua autoridade comumente aceite por autor e leitores, serão eficazmente removidas eventuais resistências e assegurar-se-á que os destinatários a quem Heitor Pinto se dirige adiram totalmente aos argumentos expostos.

Para além desta função persuasiva primordial, o discurso citativo pode ter, no texto do monge jerónimo, outras funções, semelhantes àquelas que Maria Lucília Gonçalves Pires apontou nos Exercícios Espirituais do Pe Manuel Bernardes. Antes do oratoriano, já o monge hieronimita explora o que a ensaísta designa por função retórica²⁴ e função especular²⁵. Aceitando a caracterização oferecida por Maria Lucília G. Pires para a primeira destas funções, também podemos encontrar no texto da Imagem a mesma utilização da citação no âmbito do trabalho de inventio e amplificatio. Tal como acontecerá na obra de Bernardes, em Heitor Pinto «o texto citado, relacionado com o tema a tratar por alguma das suas circunstâncias, é processo de desenvolvimento desse tema, lugar de encontro de novos argumentos»²⁶. Mas esta utilização do «produto» que é o texto citado coexiste com a consciência crítica da sua utilização no processo de elaboração do novo texto literário. Transplantada para um novo contexto, «a citação está ali, elemento constitutivo do discurso, como um apelo e um desafio à decifração do seu sentido»²⁷, o que acaba, em muitas ocasiões, por dar origem a modos de citar que revestem a forma da paráfrase ou do comentário textual.

Mais importante do que esta função retórica parece-nos a também referida função especular que a citação igualmente visa. Debajo desta designação, pretendeu Maria Lucília Gonçalves Pires referir «o processo dialéctico que

²⁴ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – *Para uma leitura intertextual de «Exercícios Espirituais» do Padre Manuel Bernardes*. INIC: Lisboa, 1980, pp. 145-146, discute e esclarece o conteúdo que atribui a esta designação, concluindo: «Ao recorrermos à designação de *função retórica* neste estudo das funções da citação pretendemos conservar às expressões um sentido múltiplo: o que se reporta à génese do texto como encontro com a palavra, como elaboração formal do material linguístico e, por outro lado, o que aponta para uma atitude analítica, consciência crítica dos processos que constituem o texto como produto – como produto literário.»

²⁵ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – Ob. cit., p. 148.

²⁶ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – Ob. cit., p. 147.

²⁷ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – Ob. cit., p. 147.

no texto se estabelece, através das citações, entre uma função de ocultação e uma função de revelação.» Por este recurso, o sujeito enunciador do texto que é a *Imagem da vida cristã* «anula-se como sujeito de enunciação, investindo outrem nessa função», o que, como assinala a ensaísta, constituiria uma forma privilegiada de ocultação do sujeito, se não se tratasse de mera aparência. De facto, «esse sujeito não se anula na citação, apenas retoma um enunciado já anteriormente produzido e assume-o, revelando-se neste assumir»²⁸. De facto, a obsessão de Frei Heitor Pinto pelas citações, a sua reiterada afirmação de que toda a doutrina que expõe está apoiada no ensinamento de «autoridades», embora possa encontrar justificação nos constrangimentos impostos pelas decisões conciliares relativas aos livros e às leituras, tem um alcance e um significado mais amplo e, sobretudo, mais revelador dos valores e dos ideais de quem sempre se considerou sobretudo um monge. Como notou José Adriano de Carvalho, com aguda clarividência, a renúncia do autor da Imagem é sobretudo a revelação da sua profunda humildade²⁹. Desde o *Diálogo da Verdadeira Filosofia*, que funciona como uma abertura da obra onde se marcam as traves mestras do pensamento exposto em todo o texto, pela voz da personagem identificada como um Ermitão, reconhecem-se os limites da razão e do engenho próprios e confessa-se que «enfraquece o entendimento» e «vacila» só em considerar «matérias tão altas», o que traduz a sua fraqueza para penetrar os mistérios do amor de Deus:

*Porque erro é intolerável querer um homem tratar somente com suas razões e invenção de seu engenho matérias tão altas, que enfraquece o entendimento e vacila logo no princípio logo no princípio, somente em nelas cuidar*³⁰.

É esta profunda humildade que se revela no modo como o monge jerónimo organiza a enorme diversidade de textos com que constrói o seu próprio texto. Sabendo-se que a humildade é uma condição indispensável para quem deseja

²⁸ PIRES, Maria Lucília Gonçalves – Ob. cit., p. 148.

²⁹ CARVALHO, José Adriano Freitas de – *Erudição e espiritualidade no século XVI em Portugal. Nótula a propósito da Imagem da vida cristã, de Fr. Heitor Pinto, O.S.H.* In *O Humanismo Português (1500-1600)*. Lisboa: Publicações do II Centenário da Academia das Ciências de Lisboa, 1988, pp. 653-681. O autor aponta, inclusive, o *Ad Elixodorum Epitaphium Nepotiani* de São Jerónimo como a matriz onde Frei Heitor Pinto poderia ter encontrado esta concepção que associa o recurso à erudição com «uma forma sublime de humildade, já que, chá e precisamente, o autor, anulando-o, tudo a outrem que não a ele atribui e atribui-o com verdade, entendamos, com precisão» (*Idem*, pp. 679-680).

³⁰ PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., I, p. 36.

chegar à verdadeira sabedoria³¹, a qual consiste no amor a Deus³², é essa virtude fundamental que os processos de reelaboração textual a que se entrega Heitor Pinto traduzem. O próprio autor nos confessa, num passo do *Diálogo da verdadeira amizade*, o seu método de composição textual e a sua humildade:

*[...] o que disser será tirado da Sagrada Escritura, e dos livros dos santos doutores, e doutros de humanidade, de filósofos e historiadores e de antigualhas, que li, e vi pelo mundo. Assim como o tecelão ajunta o fiado de diversas mãos tecido, e de muitos fios urde e tece sua teia: assim eu ajuntarei a doutrina de diversos autores, e de muitas autoridades farei uma teia desta prática: e, se ela não sair boa, não se deve pôr a culpa ao fiado, que é delgado e fino, mas a mim que o não saberei urdir nem tecer*³³.

Artigo recebido em 01/03/2017.

Artigo aceite para publicação em 22/07/2017.

³¹Esta importância “basilar” da humildade no processo que leva à sabedoria verdadeira encontra-se reiteradamente explicitado no primeiro diálogo da *Imagem da vida cristã*, de que podemos transcrever o seguinte passo, bem elucidativo: «E quando chegarmos a esta perfeição, que não sintamos nossas injúrias, antes folguemos de ser desprezados, teremos tanto subido, que, estando com os pés no quadragésimo degrau da gloriosa escada, estaremos já com as mãos pegadas no céu, à fala com os Santos, conversando com os Anjos. Isto faz a humildade, que quanto mais descemos, tanto mais subimos» (ed. cit., I, p. 55).

³² «Isto é o em que consiste a verdadeira filosofia: que enfim, bem assomado tudo, consiste num ferventíssimo e sapientíssimo amor. [...] os perfeitos nesta filosofia, alheios de si e transportados em Cristo, de tal maneira estão com ele liados e unidos com os suaves liames do amor, que nem há tormento nem alegria, fome nem fartura, vida nem morte, céu nem terra, grandes alturas nem profundos abismos, que os possam da caridade de Cristo apartar.» (PINTO, Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., I, pp. 78-79).

³³ PINTO. Fr. Heitor – *Imagem da vida cristã*. Ed. cit., III, pp. 85-86.